



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

QUEM SOU? COMO SOU? –
A AUTO AVALIAÇÃO EM CRIANÇAS E JOVENS

Bárbara Mourão
Rosa Novo
Universidade de Lisboa

RESUMO

O Conceito de Si, ou Auto-Conceito, refere-se à imagem que cada um tem de si próprio, dos seus pensamentos, sentimentos e características da identidade de cada um (Novo, 2003a). Nas crianças, como nos adultos, o Conceito de Si confere subjectividade às vivências e influencia a forma como as pessoas se comportam e interpretam a realidade pessoal, interpessoal e social (Baumeister, 1997). Neste sentido, a avaliação do Conceito de Si tem particular importância na compreensão da criança. Em contexto clínico ou de investigação, as escalas de auto-avaliação são das técnicas mais utilizadas para avaliar o Conceito de Si (Butler & Gasson, 2005; Byrne, 1996), por serem técnicas simples e por proporcionarem dados descritivos diversos sobre a imagem que cada um constrói sobre si próprio. No entanto, tais escalas só são úteis quando a criança alcança um nível adequado de leitura e de compreensão verbal, bem como capacidades metacognitivas compatíveis com a auto-avaliação. A Tennessee Self-Concept Scale (Fitts & Warren, 1996) é uma escala de auto-avaliação, com itens simples e acessíveis, proposta para crianças entre os 7 e os 14 anos de idade. A partir dos dados de um estudo empírico com a versão portuguesa desta escala (Novo, 2003b) aplicada a uma amostra de 244 alunos do 3º e 4º anos do ensino básico da zona da Grande Lisboa, são analisados os indicadores de precisão e validade das medidas finais e consideradas as qualidades e limitações deste instrumento quando usado com a franja de idades mais jovem (entre os 8 e os 11 anos).

Palavras-chave: Conceito de Si; Avaliação do Conceito de Si em crianças jovens; Escalas de auto-avaliação; Tennessee Self-Concept Scale for Children.

Key-words: Self-concept; Self-Concept evaluation in young children; Self-Concept scales; Tennessee Self-Concept Scale for Children.



QUEM SOU? COMO SOU? – A AUTO AVALIAÇÃO EM CRIANÇAS E JOVENS

INTRODUÇÃO

Quando pensamos sobre nós próprios, estamos a questionar os nossos atributos pessoais, a nossa identidade e valor como pessoas, como seres sociais. Várias foram as áreas disciplinares que se ocuparam do estudo dos pensamentos do indivíduo sobre si próprio, tais como a Filosofia, a Religião e a Psicologia. No âmbito da Psicologia, a imagem que o indivíduo constrói sobre si próprio, refere-se ao Conceito de Si ou Auto-Conceito e tem particular importância na compreensão do indivíduo, ao nível subjetivo e comportamental. A avaliação da imagem que cada um vai delineando de si próprio, quando solicitada e dirigida externamente mostra-se dificultada, uma vez que não é tarefa simples aceder externamente aos conteúdos dessa avaliação. Além de que não há grande consenso sobre a definição deste constructo nos vários domínios da Psicologia. Assim, os métodos utilizados na avaliação psicológica do Conceito de Si são diversos e variam em função das perspectivas teóricas e dos objectivos finais da avaliação. Nos contextos clínico e de investigação, é a auto-avaliação que constitui a estratégia mais utilizada, tendo-se desenvolvido escalas do Conceito de Si adaptadas a várias populações e contextos (Byrne, 1996). Em Portugal tem-se assistido, nos últimos anos, a um progressivo interesse pela avaliação do Conceito de Si o que se expressa, nomeadamente, pelo número de estudos de adaptação de escalas dirigidas a adolescentes e adultos (Faria & Fontaine, 1990; Faria & Fontaine, 1992; Faria & Lima Santos, 2001; Novo, 1997; Peixoto, Martins, Mata & Monteiro, 1996; Vaz Serra, 1986; Veiga, 1996) e também a crianças (Faria & Fontaine, 1995; Martins, Peixoto, Mata & Monteiro, 1995; Veiga, 1989). Contudo, deparamo-nos com um número reduzido de estudos que utilizem escalas de auto-avaliação para explorar o Conceito de Si em crianças com idades inferiores aos 10 anos. O estudo que a seguir apresentamos tem como objectivo estudar uma das escalas de auto-avaliação mais utilizadas em contexto internacional, na avaliação do Conceito de Si em crianças - a Tennessee Self-Concept Scale, Second Edition, Child Form – TSCS:2 (Fitts & Warren, 1996) quando aplicada a crianças jovens. De modo a explorar as potencialidades da TSCS:2 para a caracterização do Conceito de Si em crianças jovens, começamos, primeiro, por enquadrar teoricamente este constructo e abordar as especificidades da auto-avaliação em crianças, para finalizarmos com a descrição do instrumento.

O Conceito de Si em crianças: Aspectos teóricos e conceptuais

Como ponto de partida, importa clarificar as concepções do Conceito de Si, o que iremos fazer seguindo o modelo de Hattie (1992) por nos parecer claro na identificação dos aspectos nucleares da definição do conceito. Assim, o Conceito de Si diz respeito às representações que o indivíduo tem de si próprio, dos seus sentimentos, comportamentos e experiências que podem reflectir conteúdos descriptivos (e.g., 'Eu sou uma pessoa saudável') e também avaliativos (e.g., 'Eu gosto da minha aparência'). Estas representações são construídas nas interacções com os outros, na relação do indivíduo consigo próprio nos vários contextos de vida e através das interpretações que o indivíduo faz dessas mesmas interacções. No referido modelo, o Conceito de Si é entendido como um constructo multidimensional, organizado em diferentes dimensões ou domínios que correspondem a categorias utilizadas pelas pessoas para se descreverem. Por exemplo, quando uma criança verbaliza 'Eu faço os deveres da escola rapidamente' ou 'A minha família preocupa-se comigo' está a descrever, respectivamente, as representações relativas ao domínio académico e ao domínio familiar do Conceito de Si. Por outro lado, os conteúdos e a organização dos diferentes domínios vão variar em função do estádio de desenvolvimento da criança. De acordo com as teorias cognitivo-desenvolvimentistas, as capacidades cognitivas emergentes vão permitir que a imagem que a criança tem sobre si, evolua para



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

estádios mais integrados e diferenciados de estruturação e organização da realidade subjetiva e social no decurso da sua vida (Case, 1991; Harter, 1999; 2006; Higgins, 1989). Em suma, o Conceito de Si apresenta-se como um constructo multidimensional, que abrange conteúdos descriptivos e avaliativos e que se desenvolve ao longo da vida, através da organização, diferenciação e integração das experiências individuais e sociais.

A auto-avaliação do Conceito de Si em crianças

As escalas de auto-avaliação são as técnicas mais utilizadas na avaliação do Conceito de Si, quer em contexto de investigação, quer em contexto clínico (Butler & Gasson, 2005; Byrne, 1996; Keith & Bracken, 1996; Novo, 2003a). Tal deve-se ao facto de se tratarem de técnicas simples, fáceis de administrar e catar, passíveis de aplicar a vários grupos-alvo (crianças, adolescentes e adultos) e de proporcionarem dados descriptivos diversos sobre o Conceito de Si. No entanto, as escalas de auto-avaliação só são adequadas quando está alcançada a capacidade de ler e compreender a linguagem escrita e quando se consegue pensar sobre si próprio e avaliar-se tendo por referência os demais. No caso das crianças, a capacidade de leitura exigida para responder à generalidade dos itens das escalas de auto-avaliação, estará adquirida ao nível do 3º ano de escolaridade (no percurso escolar regular), mas a capacidade para compreender o que está a ler dependerá da complexidade do conteúdo dos itens da escala. Por outro lado, do ponto de vista da capacidade auto-avaliativa, é necessário atender ao nível de desenvolvimento cognitivo da criança e ao grau de exigência dos atributos avaliativos para que os conteúdos das escalas remetem. Neste sentido, há que considerar o nível de desenvolvimento cognitivo e meta-cognitivo das crianças, a par das características dos próprios instrumentos.

Centrando-nos nas escalas de auto-avaliação, podem apontar-se como desejáveis, para além das qualidades metrológicas comuns a outros instrumentos de medida, as seguintes características: (i) estarem adaptadas ao nível de desenvolvimento deste grupo-alvo (Byrne, 1996; Damon & Hart, 1982; Hughes, 1984); (ii) permitirem a identificação de tendências e atitudes de resposta, uma vez que a criança pode distorcer ou enviesar as suas respostas (Byrne, 1996; Hughes, 1984); e (iii) serem objecto de estudos de validação com diversas amostras e em diferentes contextos de avaliação (Byrne, 1996).

Tennessee Self-Concept Scale (TSCS:2)

A TSCS foi publicada originalmente em 1965 (Fitts, 1965) com o propósito de avaliar o Conceito de Si em adultos e fornecer dados sobre a relação deste constructo com o comportamento humano. Em 1996 surge a segunda edição da Escala com uma versão para adultos e, pela primeira vez, uma versão para crianças (Fitts & Warren, 1996). A versão para crianças está adaptada para Portugal (Novo, 2003b) e foi objecto de estudos em contexto educativo (Melo & Novo, 2005) e clínico (Faria, Figueiredo, Alexandre & Novo, 2006). A versão para crianças da TSCS:2 é constituída por 76 itens e proporciona um conjunto diverso de medidas finais úteis, tanto para a avaliação e intervenção clínica e educacional, como também para o contexto de investigação. Destina-se a meninos e meninas entre os 7 e os 14 anos, com competências linguísticas ao nível do 3º ano de escolaridade ou superior. A administração da Escala pode ser individual ou em grupo e o preenchimento da TSCS: 2 é de tempo livre, mas a estimativa do tempo médio de resposta, indicado no manual, é de cerca de 10 a 20 minutos. Os itens são apresentados sob a forma de afirmações, relativas a características descriptivas positivas e negativas sobre os comportamentos, sentimentos e pensamentos da própria criança (por exemplo, item 31: 'Sou uma pessoa doente'). Os itens da versão para crianças foram adaptados a partir da versão original para



QUEM SOU? COMO SOU? – A AUTO AVALIAÇÃO EM CRIANÇAS E JOVENS

adultos, de modo a estarem adequados aos níveis de desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Neste sentido, alguns itens foram reescritos, utilizando uma linguagem simples, de fácil compreensão e com conteúdos relevantes para as crianças, outros itens foram eliminados e outros, ainda, mantiveram-se inalterados. O formato de resposta é de tipo Likert, com cinco pontos ordenados que classificam as afirmações em Totalmente Falsa, Em grande parte Falsa, Em parte Falsa e em parte Verdadeira, Em grande parte Verdadeira e Totalmente Verdadeira.

Ao nível das medidas, a TSCS:2 proporciona quatro grupos de resultados, os Globais, os referentes às subescalas do Conceito de Si, os Suplementares e os de Validade de Resposta. O Resultado Total do Conceito de Si é a medida global mais importante da TSCS:2. Representa a percepção e avaliação global da criança sobre si mesma e resulta da integração dos resultados nas subescalas do Conceito de Si. Por sua vez, estas subescalas referem-se a medidas que avaliam as seis dimensões: física, moral, pessoal, familiar, social e académica. O Conflito é, também, uma medida global e resulta da comparação entre a identificação com as afirmações positivas e a identificação com as afirmações negativas da TSCS:2. Esta medida expressa o grau de conflito ou artificialidade na avaliação pessoal, uma vez que resultados muito altos indicam contradições e discrepâncias na avaliação pessoal, enquanto que resultados muito baixos podem indicar alguma artificialidade e defensividade na percepção que a criança possui de si própria. As três medidas suplementares são designadas como Identidade, Satisfação e Comportamento. Os itens que se referem às descrições sobre a identidade da criança são agrupados na subescala de Identidade (por exemplo, item 21: 'Tenho um corpo saudável'); os itens que se referem às descrições sobre as acções da criança são agrupados para obter a medida de Comportamento (por exemplo, item 68: 'Não me comporto como a minha família pensa que eu devia comportar-me'); e, por fim, os itens que se referem às avaliações da criança sobre si própria compõe a subescala de Satisfação (por exemplo, item 74: 'Estou satisfeito(a) com a maneira como trato as outras pessoas'). Como o próprio nome indica, estas três medidas proporcionam dados que suplementam a interpretação do Resultado Total do Conceito de Si. Os indicadores de validade de resposta referem-se aos recursos, à atitude e motivação da criança ao responder à Escala. Várias são as medidas que indicam a validade de resposta: Inconsistência de Resposta, Autocrítica, Distorção Positiva e Distribuição das Respostas. A Inconsistência de Resposta permite avaliar o empenho e motivação da criança ao responder à TSCS:2, uma vez que resulta da comparação das respostas a pares de itens com conteúdos semelhantes. A Autocrítica permite avaliar tentativas de dar de si uma imagem positiva, que se expressa pela negação da maioria dos itens que assinalam pequenas falhas ou dificuldades pessoais. Pelo contrário, a concordância total com este conjunto de itens pode evidenciar uma atitude excessivamente crítica da criança sobre si própria, o que, porventura, pode significar um forte apelo da criança para a ajudarem. A Distorção Positiva identifica a tendência da criança para apresentar uma imagem positiva de si própria, que se expressa pelas respostas dadas a um conjunto específico de sete itens. E, por último, a Distribuição das Respostas permite identificar atitudes ou comportamentos impulsivos, estereotipados e defensivos na resposta aos itens.

Este instrumento dispõe de uma Forma Reduzida a qual é constituída pelos primeiros 20 itens da Escala. A medida global obtida com base neste conjunto de itens constitui um resultado breve e sucinto sobre o Conceito de Si, não sendo possível, portanto, interpretá-lo à luz dos diferentes domínios que a escala completa, através das subescalas, permite considerar. No presente estudo não iremos analisar os resultados referentes à medida da Forma Reduzida da TSCS:2.



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

MÉTODO

Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 244 crianças dos 3º e 4º anos do 1º ciclo do ensino básico público e privado, da zona da Grande Lisboa, sendo 109 do sexo feminino e 135 do sexo masculino. As crianças são oriundas de meios socioeconómicos diversificados e cerca de 97% são de nacionalidade portuguesa e as restantes são provenientes de países africanos de língua oficial portuguesa (Tabela 1).

Para a constituição da amostra retiveram-se apenas as crianças não referenciadas com necessidades educativas especiais, sem dificuldades de aprendizagem em Língua Portuguesa e a residir em Portugal há mais de quatro anos.

Tabela 1: Características sociodemográficas

		n (%)
Idade	8	87 (36%)
	9	108 (44%)
	10	36 (15%)
	11	13 (5%)
Ano de Escolaridade	3º Ano	120 (49%)
	4º Ano	124 (51%)
Instituição Educativa	Escola Pública	152 (62%)
	Escola Privada	32 (13%)
	IPSS	87 (36%)

Nota. N = 244. IPSS = Instituição Particular de Solidariedade Social.

Instrumento

Foi administrada a versão experimental portuguesa da TSCS:2 para crianças (Novo, 2003b). Estudos com a versão original revelam bons índices de precisão e validade concorrente (Fitts & Warren, 1996) e os estudos anteriores com a versão portuguesa também revelam indicadores satisfatórios ao nível da precisão e da validade dos resultados obtidos (Faria, Figueiredo, Alexandre & Novo, 2006; Melo & Novo, 2005).

Dado o objectivo do presente estudo considerar a avaliação de crianças jovens, realizámos uma sessão de pré-teste, onde foi aplicada a versão experimental portuguesa da TSCS:2 a um pequeno grupo de crianças a frequentar os 3º e 4º anos de escolaridade, com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos. Durante a sessão verificámos que as crianças compreenderam a maioria dos itens e as várias alternativas de resposta. Contudo, o item 33, 'Tenho muito auto-controlo', suscitou dúvidas sobre o significado da palavra 'auto-controlo', sendo reformulado para 'Tenho muito controlo sobre o meu comportamento', o que para as crianças jovens se revelou mais claro.



QUEM SOU? COMO SOU? – A AUTO AVALIAÇÃO EM CRIANÇAS E JOVENS

Procedimento

Os dados foram recolhidos em escolas públicas, privadas e em instituições particulares de solidariedade social (IPSS). A administração da Escala foi efectuada em contexto escolar, em pequenos grupos, de seis a oito crianças, e em salas adequadas para o efeito.

RESULTADOS

Precisão

O estudo da fidelidade dos resultados obtidos consistiu na análise da estabilidade temporal e da consistência interna. Para o cálculo do coeficiente de estabilidade temporal foram usados os resultados da TSCS:2, obtidos em dois momentos diferentes, separados por um intervalo de três semanas, com um grupo de 30 crianças da amostra global, com idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos. O coeficiente de correlação de Spearman² foi calculado para todas as medidas da TSCS:2 (Tabela 2), obtendo-se valores muito satisfatórios para a maioria das medidas, especialmente, para o Resultado Total e para subescalas Suplementares Identidade, Satisfação e Comportamento.

A estabilidade temporal das medidas Conflito e Inconsistência de Resposta é menos robusta, visto que os coeficientes de correlação são apenas moderados ($\rho = .38$ e $\rho = .43$, $p < .05$) o que evidencia uma menor consistência ao longo do tempo. Em relação à Inconsistência de Resposta, é compreensível que se verifiquem maiores oscilações, uma vez que esta medida reflecte a atitude de resposta à prova, a qual pode variar face às circunstâncias. A mesma justificação não se adequará tanto à medida Conflito que pretende ser mais sensível a oscilações nas percepções pessoais, contudo não será imune, ela própria, a factores de erro imputáveis a variações circunstanciais.

Tabela 2: Estabilidade das medidas da TSCS:2

Medidas da TSCS:2	ρ	M*	DP*	M**	DP**
Medidas Globais					
Resultado Total	.86	264.40	35.62	271.83	31.55
Conflito	.38 ^a	2.87	13.35	1.37	11.32
Subescalas Conceito de Si					
Self Físico	.78	46.97	7.92	49.57	6.10
Self Moral	.69	36.17	8.01	36.70	6.87
Self Pessoal	.70	43.33	6.46	44.10	7.08
Self Familiar	.70	47.93	6.66	48.43	4.25
Self Social	.71	52.77	8.70	54.17	7.12
Self Académico	.81	37.23	7.38	38.87	6.70
Subescalas Suplementares					
Identidade	.77	83.73	11.76	85.77	8.30
Satisfação	.70	65.73	10.30	66.60	10.13

² Opção tomada em virtude do conjunto de variáveis não apresentar uma distribuição normal e a dimensão da amostra ser relativamente pequena ($n = 30$).



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

Comportamento	.82	77.70	11.50	80.60	10.66
Medidas de Validade de Resposta					
Inconsistência de Resp.	.43 ^a	7.47	3.14	8.20	3.42
Autocrítica	.74	23.13	5.74	23.63	6.89
Distorção Positiva	.68	13.73	3.85	13.57	3.90
Distribuição das Resp.	.80	40.87	14.64	37.00	15.39

Nota. n = 30. * Primeira aplicação, ** Segunda aplicação.

^aTodas as correlações são significativas a p < .01, com excepção das duas correlações assinaladas, significativas apenas a p < .05.

No estudo da estabilidade temporal da versão original da TSCS:2, em que foram avaliadas 81 crianças, com um intervalo de uma semana, os coeficientes de estabilidade temporal obtidos, com excepção para a medida Conflito, são semelhantes aos obtidos com a nossa amostra (ver Tabela 26 do manual da versão original, Fitts & Warren, 1996, p. 60).

Considerando a homogeneidade da Escala e das diversas medidas parcelares, os valores de consistência interna apresentam-se satisfatórios, sobretudo quando se considera a medida global do Conceito de Si, que se apresenta com um bom grau de uniformidade expresso pelo coeficiente alpha de Cronbach de .88 (Tabela 3).

Tabela 3: Consistência Interna das medidas da TSCS:2

Medidas da TSCS:2	α
Medidas Globais	
Resultado Total	.88
Conflito	- ^a
Subescalas Conceito de Si	
Self Físico	.60
Self Moral	.63
Self Pessoal	.58
Self Familiar	.54
Self Social	.61
Self Académico	.70
Subescalas Suplementares	
Identidade	.77
Satisfação	.66
Comportamento	.67

Nota. N = 244.

Relativamente às subescalas, os valores do coeficiente alpha são inferiores mas adequados, com uma média dos valores de alpha de .61 para as subescalas do Conceito de Si e .70 para as subescalas Suplementares. De notar, que os itens da subescala Self Familiar, possivelmente, captam diferentes aspectos da vivência familiar, o que resulta numa menor consistência do conjunto de itens. Os dados obtidos com a amostra de estandardização norte-americana (ver Tabela 25 do manual da versão original, Fitts & Warren, 1996, p. 60) vão no mesmo sentido em relação à medida global do Conceito de Si e, de uma forma geral, registam valores superiores de alpha para as subescalas do



QUEM SOU? COMO SOU? – A AUTO AVALIAÇÃO EM CRIANÇAS E JOVENS

Conceito de Si (com um valor médio de alpha .68) e para subescalas Suplementares (com um valor médio de alpha .76).

O conjunto dos dados aqui analisados permite-nos concluir que a maioria das medidas da TSCS:2 são relativamente estáveis (num intervalo de três semanas) e apresentam um bom nível de homogeneidade, principalmente, a medida global do Conceito de Si.

Estrutura Factorial

A estrutura factorial dos itens da versão experimental portuguesa da TSCS:2 foi testada seguindo os procedimentos descritos no manual (Fitts & Warren, 1996), apesar da presente amostra ser constituída por um número bastante inferior, ao considerado na amostra de estandardização original, e de incluir somente crianças entre os 8 e os 11 anos de idade. Nas análises realizadas, não incluímos os oito itens que compõe a subescala Autocrítica e separámos os itens relativos a características positivas e os itens relativos a características negativas. Desta forma, tentámos reproduzir uma solução que reflectisse a agregação adequada dos itens em torno de seis componentes, semelhantes às dimensões do Conceito de Si, referidas no manual da TSCS:2. A análise em componentes principais, forçada a seis componentes, com rotação varimax revela que os itens não se mostram claramente agregados de acordo com a subescala de origem e, consequentemente, os componentes extraídos englobam itens das várias dimensões no componente (magnitude das saturações dos itens relativos a características positivas: entre .30 e .70; magnitude das saturações dos itens relativos a características negativas: entre .30 e .75). Estes resultados evidenciam o menor grau de diferenciação dos domínios do Conceito de Si nas idades em estudo.

No estudo norte-americano (Fitts & Warren, 1996), encontraram suporte empírico para as subescalas Self Físico, Self Moral e Self Académico na amostra de estandardização, que incluía crianças dos 7 aos 14 anos. As restantes subescalas não foram globalmente confirmadas na estrutura factorial identificada (ver Tabela 31 do manual da versão original, Fitts & Warren, 1996, p.68 e p.69).

A estrutura factorial testada no presente estudo e no estudo norte-americano, reflecte o carácter multidimensional do constructo de Conceito de Si. No entanto, não há uma agregação clara dos itens, de acordo com o modelo de prévio estabelecido para a construção da Escala. Estamos perante um instrumento de construção derivado do conhecimento teórico e de base empírica, não seguindo de perto um modelo de construção factorial.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados obtidos com a versão experimental portuguesa da TSCS:2, em relação à precisão (estabilidade e consistência interna dos resultados na Escala), são satisfatórios para a maioria das medidas e atingem valores que se aproximam dos resultados obtidos no estudo original da Escala com crianças da mesma idade. Verificámos, contudo, que os dados relativos à medida global Conflito não respeitam alguns dos critérios mais tradicionais de adequação psicométrica, o que limita a interpretação dos resultados relativos a esta medida, quando administrada a versão portuguesa da TSCS:2.

A análise da estrutura factorial da TSCS:2 revela uma estrutura com componentes que, na sua maioria, incluem itens dos diversos domínios do Conceito de Si, o que demonstra o carácter multidimensional do Conceito de Si, mas não revela as seis dimensões previstas. Este padrão de resultados pode dever-se a dois factores. Por um lado, o reduzido número de crianças da nossa amostra



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

faz com que aumente a dispersão dos valores obtidos para as correlações em torno dos seus valores 'verdadeiros' para a população (Moreira, 2004). Por outro lado, a reduzida diferenciação ao nível dos domínios do Conceito de Si, pode ser explicada pelas características desenvolvimentistas do Conceito de Si, na fase de desenvolvimento das crianças em estudo. De acordo com Harter (1999, 2006), é no período escolar que as crianças desenvolvem a capacidade para distinguir alguns domínios do Conceito de Si. No entanto, este é um processo gradual, que envolve o desenvolvimento de capacidades cognitivas que podem ainda não apresentar a maturação suficiente nas idades mais precoces do período escolar. Consequentemente, nestes casos, as representações das crianças sobre si referem-se a um conjunto diverso de domínios ou contextos vivenciais, que não estão ainda suficientemente diferenciados entre si. É necessário, então, um estudo da estrutura factorial da TSCS:2, com um número superior de crianças portuguesas entre os 7 e os 14 anos de idade, de modo a testar a estrutura factorial encontrada no estudo original.

CONCLUSÕES

A TSCS:2 (Fitts & Warren, 1996) é uma das provas mais utilizadas na avaliação do Conceito de Si em crianças em contexto internacional (Butler & Gasson, 2005). Para além de ser fácil de administrar e relativamente breve no tempo de resposta, mostra-se adaptada às características desenvolvimentistas das crianças entre os 7 e os 14 anos de idade e permite identificar tendências e atitudes da criança na resposta aos itens. Os dados obtidos com a versão experimental portuguesa da TSCS:2, relativamente à estabilidade e consistência interna das medidas, são satisfatórios e indiciam a adequação desta Escala para avaliar o Conceito de Si em crianças jovens, o que vai de encontro aos dados obtidos com outros estudos portugueses (Faria, Figueiredo, Alexandre & Novo, 2006; Melo & Novo, 2005). Já os dados relativos à estrutura factorial da versão experimental portuguesa da TSCS:2 suscitam questões e merecem uma exploração com mais amostras, sobretudo mais amplas e diferenciadas quanto à idade. Para além da exploração factorial, novos estudos são necessários, sobretudo ao nível da validade empírica e da validade concorrente. O estudo de grupos específicos, designadamente de crianças com perturbações da adaptação ou do desenvolvimento, e o estudo com a utilização de versões portuguesas de outros instrumentos usados neste âmbito, serão um contributo importante para identificar o valor específico das medidas que esta Escala proporciona.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baumeister, R. F. (1997). Identity, self-concept, and self-esteem. In R. Hogan, J. Johnson & S. Briggs (Eds.), *Handbook of personality psychology* (pp. 681-711). New York: Academic Press.
- Byrne, B. M. (1996). Measuring self-concept across the life span. *Issues and instrumentation*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Butler, R. J., & Gasson, S. L. (2005). Self esteem/Self concept scales for children and adolescents: A review. *Child and Adolescent Mental Health*, 10, 190-201.
- Case, R. (1991). Stages in the development of the young child's first sense of self. *Developmental Review*, 11, 210-230.
- Damon, W., & Hart, D. (1982). The development of self-understanding from infancy through adolescence. *Child Development*, 53, 841-864.



QUEM SOU? COMO SOU? – A AUTO AVALIAÇÃO EM CRIANÇAS E JOVENS

- Faria, M., Figueiredo, D., Alexandre, E., & Novo, R. (2006, Outubro). O auto-conceito em crianças com doença crónica vs sem doença crónica. Poster apresentado na XI Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Braga.
- Faria, L., & Fontaine, A. M. (1990). Avaliação do conceito de si próprio de adolescentes: Adaptação do SDQ I de Marsh à população portuguesa. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 6, 97-105.
- Faria, L., & Fontaine, A. M. (1992). Estudo de adaptação do Self Description Questionnaire III (SDQ III) a estudantes universitários portugueses. *Psychologica*, 8, 41-49.
- Faria, L., & Fontaine, A. M. (1995). Adaptação do Self-Perception Profile for children (SPPC) de Harter para crianças e pré-adolescentes. *Psicologia*, X, 129-142.
- Faria, L., & Lima Santos, N. (2001). Auto-conceito de competência: Estudos no contexto educativo português. *Psychologica*, 26, 213-231.
- Fierro, A. (2003). The self (general). In R. Fernández-Ballesteros (Ed.), *Encyclopedia of psychological assessment* (Vol. 2, pp. 835-840). London: Sage Publications.
- Fitts, W. (1965). Tennessee Self-Concept Scale: Manual. Los Angeles: Western Psychological Services.
- Fitts, W., & Warren, W. L. (1996). Tennessee Self-Concept Scale – TSCS:2. Second Edition Manual. Los Angeles: Western Psychological Services.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self. A development perspective*. New York: The Guilford Press.
- Harter, S. (2006). The self. In W. Damon, R. Lerner (Eds. in Chief) & N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional and personality development* (6th ed., pp. 505-570). New York: Wiley.
- Hattie, J. (1992). *Self-Concept*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Higgins, E. T. (1989). Continuities and discontinuities in self-regulatory and self-evaluative processes: A developmental theory relating self and affect. *Journal of Personality*, 57, 407-444.
- Hughes, H. M. (1984). Measures of self-concept and self-esteem for children ages 3-12 years: A review and recommendations. *Clinical Psychology Review*, 4, 657-692.
- Keith, L. K., & Bracken, B. A. (1996). Self-concept instrumentation: A historical and evaluative review. In Bracken B. A. (Ed.), *Handbook of self-concept: Developmental, social and clinical considerations* (pp. 91-170). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Martins, M. A., Peixoto, F., Mata, L., & Monteiro, V. (1995). Escala de auto-conceito para crianças e pré-adolescentes de Susan Harter. In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Eds.), *Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. I, pp. 79-89). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Melo, R., & Novo, R. F. (2005). Sucesso académico e saúde mental em crianças do 2º ciclo do básico. Setúbal: Centro de Saúde de S. Sebastião (Relatório de investigação policopiado).
- Moreira, J. M. (2004). *Questionários: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Novo, R. F. (1997). Adaptação portuguesa da escala de conceito de si de Tennessee (T.S.C.S.): Análise das características psicométricas. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L. Almeida & M. Simões (Orgs.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. V, pp. 743-756). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Novo, R. F. (2003a). Para além da eudaimonia. O bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior.
- Novo, R. F. (2003b). Versão Experimental Portuguesa da "Tennessee Self-Concept Scale, Second Edition, Child Form", C. P. E. E. – FPCE, Universidade de Lisboa (Versão policopiada).



PSICOLOGÍA EVOLUTIVA

- Peixoto, F., Martins, M. A., Mata, L., & Monteiro, V. (1996). Adaptação da escala de auto-conceito para adolescentes de Susan Harter para a população portuguesa. In L. S. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalves, C. Machado & M. R. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. IV, pp. 532-537). Braga: APPOINT.
- Roid, G. H., & Fitts, W. H. (1989). *Tennessee Self-Concept Scale. Revised Manual* (2nd ed.). Los Angeles: Western Psychological Services.
- Vaz Serra, A. (1986). O Inventário Clínico de Auto-Conceito. *Psiquiatria Clínica*, 7, 67-84.
- Veiga, F. H. (1989). Escala de autoconceito: adaptação portuguesa do "Piers-Harris Children's Self-Concept Scale". *Psicologia*, VII (3), 275-284.
- Veiga, F. H. (1996). Estudo de um instrumento de autoconceito escolar: "Self-Concept as a Learner Scale". In L. S. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalves, C. Machado & M. R. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. IV, pp. 366-380). Braga: Associação Portuguesa dos Psicólogos Portugueses.

Fecha de recepción: 28 febrero 2008

Fecha de admisión: 7 marzo 2008

